

## A HERANÇA CULTURAL FAMILIAR COMO INFLUÊNCIA NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE HOMENS CONTRA MULHERES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GRUPO REFLEXIVO

*Savana Cristina dos Santos Silveira<sup>1</sup>*

*Maria da Graça Taffarel Krieger<sup>1</sup>*

*André Guirland Vieira<sup>1</sup>*

*Aline Groff Vivian<sup>1</sup>*

**Resumo:** A violência contra a mulher tem caráter transgeracional, com base em vivências familiares experienciadas durante a infância e adolescência, reproduzidas na vida adulta. O objetivo do presente estudo foi relatar a experiência em um grupo com homens autores de violência doméstica contra a mulher. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, desenvolvido a partir de diário de campo de um grupo reflexivo de gênero para autores de violência doméstica. Os homens encaminhados pelo Foro da Comarca de Canoas/RS, foram atendidos pelo Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência (NAVIV), localizado no Serviço Escola de uma universidade privada da região metropolitana de Porto Alegre. Os 12 encontros do grupo denominado “Ser H”, ocorreram nas dependências do Fórum no período de maio a julho de 2022, com duração de 1 hora e 30 minutos e frequência semanal. Participaram dos encontros 8 homens, com idades entre 33 e 63 anos, escolaridade variada desde ensino fundamental incompleto até superior completo. Os participantes respondiam a processo por violência doméstica contra mulher, cumprindo medidas socioeducativas. Os grupos foram conduzidos por duas estagiárias de Processos de Saúde e Institucionais, de Psicologia, supervisionadas por docentes do Curso. As temáticas trabalhadas estiveram ligadas à violência, machismo, comunicação assertiva e não violenta e manejo da raiva, além da transgeracionalidade. O grupo reflexivo de gênero mostrou-se uma importante ferramenta de desconstrução desses padrões violentos e reprodução cultural, permitindo aos participantes refletirem sobre suas histórias e trabalharem para a quebra de ciclos de violência. No entanto a necessidade de aprofundar as pesquisas nesse campo, a fim de ampliar o conhecimento sobre a transgeracionalidade e para compreender o impacto desses grupos nas relações familiares e na prevenção da violência doméstica. Percebeu-se a reprodução cultural geracional da violência intrafamiliar, que ocorre devido a diversos fatores, biopsicossociais e comportamentais, e por questões de violências vivenciadas na infância.

**Palavras-chave:** Transgeracionalidade. Violência. Homens agressores.

## FAMILY CULTURAL HERITAGE AS AN INFLUENCE ON DOMESTIC VIOLENCE OF MEN AGAINST WOMEN: AN EXPERIENCE REPORT WITH A REFLECTIVE GROUP

**Abstract:** Violence against women has a transgenerational nature, based on family experiences experienced during childhood and adolescence, reproduced in adult life. The aim of the present study was to report the experience in a group with men who committed domestic violence against women. This is a qualitative, exploratory and descriptive investigation, developed from a field diary from a gender reflective group for perpetrators of domestic violence. The men referred by the Canoas/RS District Court were assisted by the Victims of Violence Assistance Center (NAVIV), located in the School Service of Psychology, of a private university, in the metropolitan region of Porto Alegre. The 12 meetings of the group called “Ser H” took place on the Forum’s premises from May to July 2022, lasting 1 hour and 30 minutes and occurring weekly. Eight men participated in the meetings, aged between 33 and 63, with varying levels of education, from incomplete primary education to completed higher education. The participants responded to proceedings for domestic violence against women, complying with socio-educational measures. The groups were led by two Health and Institutional Processes and Psychology interns, supervised by Course teachers. The themes covered were linked to violence, machismo, assertive and non-violent communication and anger management, in addition to transgenerationality. The gender reflective group proved to be an important tool for deconstructing these violent patterns and cultural reproduction, allowing participants to reflect on their stories and work to break cycles of violence. However, the need to deepen research in this field, in order to expand knowledge about transgenerationality and to understand the impact of these groups on family relationships and the prevention of domestic violence. The generational cultural reproduction of intra-family violence was noticed, which occurs due to several factors, biopsychosocial and behavioral, and due to issues of violence experienced in childhood.

Keywords: Transgenerationality. Violence. Aggressive men.

### Relato de experiência com grupo reflexivo

A violência contra a mulher tem caráter transgeracional, com base em vivências familiares experienciadas durante a infância e adolescência, reproduzidas na vida adulta. A literatura aponta que a violência doméstica contra mulher está instituída em nossa sociedade desde os primórdios da humanidade, porém não era abordado de forma criminalizada, pois segundo o Código Civil de 1916 cabia aos homens “disciplinar e controlar as mulheres da família, sendo legítimo que, para isso, façam uso da força” (Dornelles, Mincato & Grazi, 2014). A expressão violência de gênero se torna quase um sinônimo de violência contra mulher, em virtude de elas apresentarem maior índice deste tipo de violência, uma vez que os agressores se sentem como donos das vítimas, pois desde criança, de uma forma indireta, esses aprenderam no próprio âmbito familiar que os homens são provedores financeiros e as mulheres são responsáveis pelos papéis ligados ao lar (KHOURI, 2012).

O presente ensaio, trata-se de estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo. O relato de experiência foi desenvolvido a partir de um diário de campo de um grupo reflexivo de gênero com homens cumprindo medidas socioeducativas por violência doméstica contra a mulher. A demanda surgiu no Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência (NAVIV), que recebe os encaminhamentos destes participantes, a partir de ofícios vindos do fórum pela Vara de Execuções Criminais (VEC) e/ou pela Vara de Violência Doméstica da Comarca de Canoas.

As triagens foram feitas em dois encontros, em uma sala disponibilizada dentro do Foro do município de Canoas. No primeiro encontro foram coletadas informações para o banco de dados, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e abordado o fato que os trouxe até o processo. No segundo encontro foi aplicado o Mini Mental State Examination, que permite avaliar a função cognitiva destes homens, levando em conta o resultado deste teste o autor é designado ou não a participar dos encontros para o grupo reflexivo. Estes documentos ficam arquivados junto ao NAVIV localizado no Serviço Escola da ULBRA/Canoas. O grupo reflexivo de gênero nomeado Ser H, foi realizado nas dependências do Foro de Canoas, com duração 1 hora e meia, totalizando 12 encontros. Participaram do estudo 8 autores de agressão de violência doméstica, entre 33 e 63 anos de idade, que respondiam a processo jurídico pelo Foro da Comarca de Canoas/RS, residentes da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS.

As temáticas contempladas no grupo reflexivo foram estipuladas a priori, através de estudos realizados em manual confeccionado pelo serviço do NAVIV, que tem por objetivo amparar o autor com uma escuta técnica e qualificada, assim, no intuito de desconstruir a visão de julgamento. Além disso, buscou-se oferecer um espaço de fala para que se pudesse trabalhar assuntos que ajudassem estes a refletir, identificar e ressignificar seus pensamentos e atitudes violentas. Alguns desses padrões de relacionamentos estão calcados em um machismo estrutural, em que não se percebe o peso que se carrega transgeracionalmente.

O grupo foi conduzido por duas estagiárias em Psicologia que realizam estágio obrigatório em Processos Institucionais e de Saúde. Os encontros foram registrados no diário de campo, posteriormente analisados e extraídos depoimentos e falas sobre a transmissão geracional de comportamentos violentos contra as mulheres e conceitos potencialmente geradores de violência de gênero. Em seguida foi estudado o impacto dos padrões de comportamentos familiares violentos nos participantes do grupo.

Observou-se que os atos de violência estavam ligados a um ciclo intergeracional, onde pais por sua vez, utilizavam de punição como medida disciplinar. Consequentemente, mostravam aos seus filhos que a violência e agressividade eram os meios apropriados para resolver conflitos. Desta forma, pode-se pontuar a violência transgeracional como base desses padrões de relacionamento aprendidos durante a infância e adolescência, utilizados como modelo comportamental perante suas vivências (GOMES, apud, COELHO et al., 2007).

Vivenciar e presenciar situações de violência doméstica implica em experienciar atos que irão trazer repercussões para os indivíduos envolvidos, atingindo diversas dimensões de sua vida (Alves, Pinto, Silveira, Oliveira & Melo, 2012; Pinheiro, Crepaldi & Cruz, 2012). Neste contexto, não é apenas a vítima de violência que sofre, e sim todo o núcleo familiar que convive direta ou indiretamente com a violência (BHONA et al., 2012).

Apesar dos avanços ao longo dos anos na busca pela igualdade de gênero e pela redução da opressão e violência contra as mulheres, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06) foi sancionada apenas em 07 de agosto de 2006 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A lei visa deter, punir e prevenir casos de violência doméstica, abrangendo aspectos físicos, sexuais, psicológicos, morais e/ou patrimoniais. Homens que cometem violência doméstica podem enfrentar ações criminais, e o juiz pode optar por medidas socioeducativas, como serviço comunitário, apresentação no fórum em prazo determinado e participação em Grupos Reflexivos. Essas medidas visam promover a reflexão, a ressignificação de comportamentos e a prevenção da reincidência de atos violentos.

Os grupos reflexivos são uma alternativa que pode se tornar mais efetiva que o acompanhamento psicológico individual para o autor de violência, devido ao fato de diminuir a vergonha, os sentimentos de culpabilidade e isolamento, quando este interage com os demais membros do grupo (CORTEZ et al. 2005). Os encontros se basearam em intervenções de dinâmicas em grupo com a utilização de audiovisuais, uso de cartazes e rodas de conversas para psicoeducação. No primeiro encontro as mediadoras começam apresentando aos participantes os serviços que são disponibilizados pelo Serviço-Escola da Ulbra-Canoas/RS, especificamente do Núcleo NAVIV. Foi elaborado junto com os participantes as regras para boa convivência do grupo, tais como: Comprovantes de comparecimento disponibilizados pelas mediadoras em cada encontro para os participantes guardá-los apresentarem ao Judiciário; Sigilo: O que fosse abordado no grupo não poderia ser levado para fora; Não julgamento dos demais participantes; Respeitar as opiniões diferentes e as individualidades; Saber ouvir e esperar sua vez de falar; Não era permitido o uso de celular, todos deviam estar no silencioso; Pontualidade: horário do grupo; Frequência: Faltas deviam ser justificadas ao Judiciário e as faltas do grupo seriam comunicadas a Juíza; Não era permitido participar dos encontros sob efeito de álcool e/ou drogas.

Com o objetivo de acolher e integrar os participantes foi sugerida uma dinâmica através de uma nuvem de palavras onde cada um escolheria uma palavra que defina como está sua expectativa perante os encontros do grupo reflexivo. A primeira palavra escolhida foi Motivado: *“Eu me sinto motivado, porque já cumpri 90 horas de serviço comunitário na Associação Chimarrão da Amizade e depois segui em serviço voluntário, pois percebi o quanto eu era necessário naquele lugar e que podemos fazer a diferença por onde passamos”* (V., 49 anos). Outro homem disse: *“Conformado, é assim que temos que nos sentir, porque eu não fiz nada e tenho que estar passando por isso aqui”* (D., 33 anos). A inclusão das mulheres foi apontada como necessária: *“Elas também deveriam estar fazendo esse grupo aqui, pois não é justo”* (G., 34 anos) referindo-se que a ex-companheira deveria estar no lugar dele em virtude de ele não ter cometido a violência pela qual responde o processo. Deste modo, percebeu-se que a fala “vitimista” prevalecia na grande maioria dos participantes e que permeava entre eles uma situação em que foram vítimas de armações para ali estarem, ou por não achar justo apenas uma parte ter que participar de grupos reflexivos de gênero.

No segundo encontro buscou-se oportunizar aos participantes diálogo e conhecimento da história dos colegas através da troca de relatos. Foi realizada uma dinâmica das cartas de características, onde foram descritos diversos adjetivos, como: parceiro(a), alegre, desconfiado(a), responsável, irresponsável, ansioso(a), agressivo (a), calmo (a), etc. Onde cada participante escolhia uma característica positiva e uma negativa de si mesmo e apresentava ao grupo o porquê desta escolha. Nesta dinâmica, foi escolhida a palavra responsável e acrescenta a sua fala: *“Eu como Pai e homem da casa sempre trabalhei para dar todo conforto para elas, e foi assim que elas me agradeceram”* (M., 52 anos). Ele respondia por violência doméstica contra a filha e também usou a palavra desconfiado *“Eu sabia que as duas estavam aprontando pelas minhas costas”*. Outro homem escolheu a palavra corajoso: *“Eu nunca corri de trabalho nenhum, o importante sempre foi colocar comida na mesa”* (C., 63 anos).

Na sequência foi realizada a leitura das cartas dos autores de agressão que participaram de grupos anteriores, e neste mesmo instante já ouvimos alguns comentários tal qual: *“estamos aqui porque cometemos erros e agora temos que pagar por isso”* (V., 49 anos); *“se pegar pelo braço para ensinar é agredir, eu cometi [...] mas na minha época de piá a gente apanhava e não existia essas coisas aí”* (M., 52 anos); *“É muito fácil ir lá e fazer um teatro na frente do delegado e agora pago por algo que não fiz, isso estraga nossa vida e elas passam ilesas por essa situação toda”* (G., 34 anos).

No terceiro encontro, abordamos os tipos de violência, com objetivo de fazer uma reflexão sobre a importância de participarem do grupo e ressignificar seus atos de violência, sendo elas, violência doméstica e violência familiar, conforme art. 7º da Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Maria da Penha). Foi aplicada uma intervenção para psicoeducação, onde apresentamos de forma verbal frases de atos das diversas formas de violência (física, moral, sexual, patrimonial e psicológica) para perceber o conhecimento de cada um acerca do assunto. Logo após foi explicado na íntegra o significado dos 5 tipos de violência e o contexto que ela abrange. Falando especificamente sobre o artigo 7º da Lei Maria da Penha e o contexto que ela compreende, para assim nomear o tipo de violência que cada um cometeu.

Ao abrir a fala para o grupo, logo de início já ouvimos o comentário “*E a Lei João da Penha, não existe?*” (D., 33 anos). “*Ah para o homem não existe lei que nos ampare*” (G. P., 34 anos) “*aí vem uma louca e te bate e tu não pode nem se defender*” (S., 51 anos), demonstrando o descontentamento quanto a terem que participar dos encontros como forma de penalidade referente ao processo que respondem.

Para Souza et al. (2016), em relato de experiência de Grupos Reflexivos do Projeto de Extensão Patronato Municipal de Jacarezinho, tais grupos, além de funcionar como um espaço de acolhimento, informação e reflexão, fez com que estes homens autores de violência fossem levados a pensar em outra perspectiva sobre os tipos de violência que atingem cada vez mais um número considerável de mulheres, tanto fisicamente como psicologicamente.

O propósito do quarto encontro foi estimular a reflexão sobre os papéis de gênero na sociedade. Para isso, foi organizada uma atividade em que os participantes receberam um cartaz dividido ao meio, no qual deveriam colocar figuras representando brincadeiras, profissões, comportamentos e atividades que eles associam a homens e mulheres, explicando suas razões para essas escolhas. A primeira figura a ser inserida no cartaz foi, carrinho para os meninos e boneca para as meninas, ao ser questionado M. 52 anos diz: “*Desde que mundo é mundo, sempre foi assim.*”, desta forma percebe se que o patriarcado machista está inserido desde a infância. Então é colocado no cartaz a profissão da construção civil na parte masculina e C. 63 anos responde “*porque isso é trabalho de homem, mulher tem que trabalhar em escritório ou cuidar da casa [...] imagina passar o dia no meio de um monte de homens e fazendo serviço pesado.*” Nesse sentido, Silva, Menezes e Lopes (2010) ressaltam a importância dos aspectos relacionados à transgeracionalidade, onde existe muita influência dos modelos intrafamiliares transmitidos de geração para geração.

Já o quinto encontro foi desenvolvido para promover a reflexão sobre os temas de feminismo, machismo e gênero. Primeiramente foi questionado aos participantes o que eles entendiam a respeito do assunto e em seguida realizada uma roda de conversa trazendo acontecimentos históricos e atuais para a psicoeducação sobre o assunto. Então o participante G. 34 anos trás “*Mulher minha não sai com roupa curta querendo se mostrar para outros homens [...]*”, D. 33 anos “*Vai me dizer que é normal dois homens se beijando na rua?*”, M. 52 anos “*eu sempre ganhei bem, minha mulher nunca precisou trabalhar, ela tinha que ficar em casa cuidando dos filhos*”. De acordo com Saffioti (2004), os homens heterossexuais dominavam a hierarquia nas relações de gêneros e preservaram essas condições, segundo as Leis que os amparavam para este feito, o machismo estrutural e suas diversas formas de manifestação estão enraizados na sociedade trazendo a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, deixando evidente a opressão e especificamente a subordinação entre as relações afetivo-sexuais entre os casais.

O sexto encontro vem trazendo o objetivo de psicoeducar sobre a importância do autocuidado e saúde do homem, trazendo alguns números estatísticos sobre as principais doenças e causas de morte que



acometem o público masculino, expectativa de vida, razões do porquê adoecem mais que as mulheres. Com este intuito foi proposta a dinâmica onde apresentamos a figura de um carro e questionamos os mesmos de quais cuidados deveríamos ter para manter o veículo funcionando, e assim eles trouxeram inúmeros procedimentos de manutenção e peças a serem trocadas para o bom funcionamento do veículo e assim entramos no contexto da saúde do homem, questionamos qual a última vez que eles foram ao médico?

O participante C. 63 anos, *“Eu nem lembro mais qual a última vez que fui ao médico, eu só tomo um chá quando tô doente e tá bom.”*, G. 45 anos *“Eu não vou fazer esse exame aí, homem nenhum vai colocar o dedo em mim[.]”*, V. 49 anos *“Só está doente quem vai ao médico procurar.”*, F. 60 anos *“Eu só vou no hospital quando estiver morrendo!”*. Essas falas demonstram a necessidade de enfatizarmos a importância de realizarem exames periódicos e desmistificar a visão que apresentam quanto a saúde do homem, assim foi trazida todas as informações quanto a rede de saúde do município e sanadas as dúvidas quanto aos exames obrigatórios em cada faixa etária de idade.

Já no sétimo encontro foi trabalhado com o grupo o funcionamento emocional do homem, psicoeducando sobre os modelos cognitivos, emoções, ciúmes. As mediadoras solicitaram que os participantes compartilhassem algum fato ocorrido com os mesmos e nomeassem a emoção naquele momento.

Na sua grande maioria eles não sabiam nomear as emoções, M. 52 anos *“Eu não sei dizer o como me sinto quando minha filha não obedece a minhas ordens, acho que é raiva.”* V. 49 anos *“Eu acho que fico triste quando minha filha não quer passar um tempo comigo e prefere ficar com a Mãe dela.”* Foi sugerida uma atividade extra após a explanação do significado dos sentimentos e emoções, na qual eles deveriam refletir perante algum acontecimento que os deixassem desconfortáveis ou que lhe trouxesse algo positivo, parar e tentar nomear o que sentiam naquela determinada situação.

Num segundo momento, foram abordados os diferentes tipos de ciúmes e solicitados exemplos com base nas experiências pessoais dos participantes. O participante D., 33 anos traz em sua fala: *“Eu não gosto que minha mulher se reúna com as amigas, elas ficam falando de macho!”*, G., 34 anos, compartilhou: *“Minha namorada não sai pra jantar sozinha ou com as amigas, ela só vai se eu for com ela.”*, V., 49 anos, acrescentou: *“Não gosto quando minha companheira fica conversando com outros homens sem a minha presença”*. A partir desses relatos, torna-se evidente que alguns participantes do grupo estão lidando com níveis de ciúmes que podem ser considerados patológicos, e isso levanta preocupações sobre a possibilidade de comportamentos violentos em relação às mulheres.

O oitavo encontro visou psicoeducar sobre domínios e estratégias de enfrentamento desadaptativas e assertividade. Os participantes foram instruídos a fechar os olhos e visualizar a situação que originou a denúncia, explorando uma possível sequência ainda mais desfavorável. Com isso, um por um compartilharam suas reflexões com o grupo. Em seguida, propusemos a ideia de conceber ações alternativas que, se implementadas, poderiam ter conduzido a um desfecho mais positivo e eficaz, possivelmente prevenindo qualquer envolvimento com o processo. Foram apresentadas as seguintes reflexões: *“se naquele momento eu não tivesse pego ela pelo braço e tivesse deixado para conversar com ela depois quando estivesse mais calmo, isso tudo poderia ter sido evitado”* (M., 52 anos); *“Eu deveria ter deixado ela em casa, virado minhas costas e nunca mais ter voltado. Mas não, fui burro e quis tentar conversar pra resolver as coisas”* (G. P., 34 anos); *“quando ela se botou em mim, eu deveria ter segurado ela e colocado ela pra fora da minha casa, assim tinha evitado esse processo”* (V., 49 anos).

A tarefa do nono encontro foi explicar a importância da identificação dos gatilhos que geram a raiva e a impulsividade, desenvolver estratégias de manejo da raiva, ensinar sobre respiração diafragmática e relaxamento. Neste dia os participantes compartilharam que foi muito proveitosa a reunião, que aprenderam a se autoconhecer e a criar estratégias que os levassem a pensar antes de agir perante determinadas situações e que a respiração diafragmática trouxe equilíbrio ao se sentirem ansiosos.

No décimo encontro abordamos a transgeracionalidade e suas consequências. Com esta proposta levamos os participantes a refletir sobre as vivências infantis e as relações com os pais, o que lhes foi ensinado na infância e como esses ensinamentos refletiam em suas percepções de mundo atual (legado). Depois foi proposto que eles elaborassem cartas para os pais elucidando o que aprenderam a respeito do assunto e apontando o que poderia ter sido diferente para melhorar as relações atuais. Ao lerem as cartas para os colegas, destacaram-se as seguintes falas: *“Pai, queria que você tivesse demonstrado mais amor a mim, meu irmão e minha mãe (M., 52 anos); “todas as vezes que nos bateu sei que foi com a ideia de nos corrigir e ensinar, mas hoje percebo que existia muitas outras formas que o Sr. Poderia ter feito isso” (V., 49 anos); “eu não me lembro quando foi a vez que tivemos uma refeição em família, porque quando o Sr. chegava todos nós tínhamos que ir para o quarto” (C., 63 anos); “até hoje levo comigo a frase que o Sr falava que homem não chora, e isso me faz sentir coisas que até hoje não sei como lidar” (D., 33 anos), e “Mãe, e sei que a sua vida foi difícil e que eu não tinha como lhe defender das agressões do meu Pai quando ele chegava bêbado, mas queria que soubesse que eu lhe amo muito e que faria tudo o possível para lhe defender se eu fosse maior” (F., 60 anos).*

Nesse sentido, Wexler (1999) indica que homens que testemunharam brigas entre os pais têm de três a quatro vezes mais chances de agredir suas esposas. De acordo com Bandura, Ross e Ross (1961), crianças tendem a imitar modelos agressivos, com uma maior inclinação quando o modelo é do mesmo sexo. Observa-se uma maior propensão em crianças do sexo masculino para imitar comportamentos agressivos, sugerindo uma aceitação social mais ampla desse comportamento quando realizado por homens.

O décimo primeiro encontro abordou a psicoeducação sobre os fundamentos na comunicação não violenta (CNV) e seus benefícios. Foi utilizada a roda de conversa para proporcionar exemplos de situações do material “CNV” para distinção de “Observação x Avaliação”, “identificação e expressão de sentimentos” e “receber com empatia”. Neste sentido, Barreto et al. (2009) referem que é necessário compreender a violência em seu nascimento e desenvolvimento histórico, pois ela não ocorre por acaso, também sendo aprendida através da transmissão geracional.

Sendo assim, o trabalho de desconstrução de formas de pensar, agir e sentir torna-se um aspecto difícil de se desfazer, demandando intervenções eficazes no sentido de evitar a reincidência destes casos de violência. Apesar da escassez de pesquisas sobre a reincidência de casos de violência contra mulheres, os Grupos Reflexivos têm demonstrado intervenções eficazes no Brasil, contribuindo para a prevenção desse tipo de violência e a redução das taxas de reincidência (FREITAS; CABRERA, 2011; PRATES; ANDRADE, 2013; SOUZA et al., 2016).

No décimo segundo, foi solicitado que escrevessem cartas para os participantes do próximo grupo relatando a sua experiência e suas expectativas futuras. Ao final, realizamos uma confraternização entre os membros do grupo, onde cada um contribuiu com algo para degustação, seja alimento ou bebida, enquanto nos despedimos. Dentre as cartas vale ressaltar algumas falas que demonstraram o quão importante foi a vivência de grupos reflexivos, como forma de trabalhar a redução da reincidência nos casos de violência contra a mulher, através da psicoeducação e ressignificação dos contextos intergeracionais. As seguintes

falas expressam esses sentimentos de inconformidade inicial e experiência reflexiva satisfatória ao final dos doze encontros: “no começo pelo que aconteceu comigo achei que não seria legal participar, [...] foi bem legal os temas conversados, vou levar para a vida, foi um aprendizado e me fez bem, me fez pensar e valeu a pena” (D., 33 anos); “Eu vim parar em um lugar onde não gostaria de estar, mas minha ação me trouxe até aqui, [...] o trabalho desenvolvido pelas Psicólogas me trouxe muita reflexão e aprendizagem [...] foi um fator que agregou na minha vida, eu aprendi muito” (M., 52 anos); “Posso dizer que foi muito gratificante, pois cada participante com seu problema pessoal, fez-me refletir [...] se pudesse voltar no tempo, faria diferente, pois esta experiência com certeza fará a diferença nas minhas decisões” (V., 49 anos); “vamos entendendo o porquê de estarmos aqui, às vezes por um erro nosso ou da outra pessoa, [...] aprendemos algo positivo para que não aconteça de cairmos no mesmo erro” (G. P., 34 anos ).

No contexto aqui apresentado, os grupos reflexivos são uma alternativa efetiva para o acompanhamento psicológico individual para o autor de violência. O fato de diminuir a vergonha, os sentimentos de culpabilidade e isolamento, ao interagir com os demais membros do grupo oferece a oportunidade de observar, se ouvir, refletir e usar a experiência do outros como forma de mudança nos seus comportamentos (CORTEZ et al. 2005).

Destaca-se a necessidade realizar mais pesquisas no que tange à transgeracionalidade em um contexto de grupo reflexivo de gênero de autores de violência doméstica contra mulher. A carga cultural transgeracional do âmbito familiar na infância se refletiu no padrão de relacionamentos posteriores no presente estudo. As falas dos participantes evidenciaram a reprodução cultural geracional da violência intrafamiliar. Portanto, a violência doméstica não pode ser entendida com base em um único fato gerador, mas sim por diferentes fatores, bem como emocionais, biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e familiares. Em relação aos fatores intrafamiliares destacaram-se as questões de violências vivenciadas na infância, no desenvolvimento do indivíduo e no ambiente em que se desenvolveram.

Apesar dos avanços em projetos de lei no que concerne à igualdade de gêneros, segurança e bem-estar das vítimas de violência. Nota-se ainda que, neste sentido, necessitamos de mais políticas públicas e mais serviços como estes de grupos reflexivos de gênero que sejam oferecidos, para que assim alcancem todos os municípios independentemente do número populacional. Não somente com intuito de manter a integridade e segurança dessas mulheres, mas também para propiciar a reflexão, modificar comportamentos e pensamentos desses homens autores de violência doméstica, assim chegando ao objetivo final que é diminuir a reincidência da violência de gênero.

O grupo reflexivo de gênero mostrou-se uma importante ferramenta de desconstrução desses padrões violentos e reprodução cultural, permitindo aos participantes refletirem sobre suas histórias e trabalharem na quebra de ciclos de violência. No entanto, há a necessidade de aprofundar as pesquisas nesse campo, a fim de ampliar o conhecimento sobre a transgeracionalidade e para compreender o impacto desses grupos nas relações familiares e na prevenção da violência doméstica. Percebeu-se a reprodução cultural geracional da violência intrafamiliar, que ocorre devido a diversos fatores, biopsicossociais e comportamentais, e por questões de violências vivenciadas na infância.



## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- COLOSSI, P. M.; FALCKE, D. Violência conjugal e família de origem: perfil discriminante de parceiros que cometem e não cometem infidelidade. *Psico*, v. 49, n. 4, p. 328–338, 2018. <<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.26272>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- DORNELLES FILHO, A. A.; MINCATO, R.; GRAZZI, P. C. (2014, 6 e 7 de outubro). Perfil da mulher vítima de violência doméstica no Brasil, Rio Grande Sul e Caxias do Sul. In: ENCONTRO ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA REGIÃO NORDESTE DO RS, 13., 2014, Caxias do Sul, RS. *Anais [...]*. Caxias do Sul, RS, 2014.
- GARCIA, A. L. C.; BEIRAS, A. A Psicologia Social no Estudo de Justificativas e Narrativas de Homens Autores de Violência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe2, 2019. <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003225647>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- GOMES, N. P. et al. Violência contra a mulher no município de Juazeiro, BA: autores e recidiva. *Saúde em Debate*, v. 31, n. 75-76-77, p. 107-115, 2007. <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406345310011>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- MISTURA, T. F. *Vivência de homens autores de violência contra a mulher em Grupos Reflexivos: memórias e significados presentes*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/57f5/df86a2a758847bc45116b642d4f5c395cf35.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- PAVÃO, D. C. A. *Violência intrafamiliar e justiça restaurativa: Interfaces necessárias*. 2020. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/4063/406345310011.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- RAZERA, J.; CENCI, C. M. B.; FALCKE, D. Violência doméstica e transgeracionalidade: Um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014. <DOI:10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n1p47-51>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- SOARES, C. T., & GONÇALVES, H. S. Grupos reflexivos para autores de violência contra a mulher: “isso funciona?”. *Direito em Movimento*, v. 18, n. 2, p. 73–107, 2020. Disponível em: <<https://ojs.emerj.com.br/index.php/direitoemmovimento/article/view/289>>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- SCOTT, J. B. *Grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica contra a mulher: limites e potencialidades*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26621>>. Acesso em 17 de junho de 2023.